

150 mil ficam sem metrô

Com o sistema totalmente parado nesta segunda, pistas ficaram mais engarrafadas e os ônibus, lotados. Governo apresentou proposta no fim da noite de ontem à categoria

» JULIANA BOECHAT
» ARIADNE SAKKIS
» DANIEL BRITO
» MARIANA MOREIRA

Segunda-feira, 6h. As grades das 23 estações de metrô estavam fechadas para a população do Distrito Federal. Passageiros acostumados a andar no veículo sobre trilhos foram pegos de surpresa com a greve dos metroviários, iniciada a 0h de ontem. Quem sabia da paralisação, no entanto, conseguiu se programar e utilizou formas alternativas de transporte para chegar ao trabalho ou a algum compromisso. De uma forma ou de outra, a mudança da rotina causou engarrafamentos nas vias de acesso ao Plano Piloto e a insatisfação de milhares de pessoas que utilizam o metrô todos os dias. O caos deve se repetir hoje. A audiência de conciliação realizada na Justiça trabalhista ontem entre representantes do metrô e dos funcionários não havia chegado a um consenso até o fechamento desta edição, às 23h30.

Além do transtorno de chegar atrasada ao trabalho, a cozinheira Adriana Pontes, 29 anos, desembolsou quatro passagens para se deslocar do Céu Azul (GO) para Águas Claras. Em um dia normal, ela saltaria na estação do ParkShopping. Só então seguiria até a Estação Arniqueiras. Com os trens parados, ela foi até a Rodoviária do Plano Piloto. "Deveria estar no trabalho às 8h. Já são 10h20 e eu ainda estou aqui esperando o ônibus chegar", lamentou. A funcionária do Museu Nacional Ana Lúcia Santarém, 56, também começou a semana atrasada. Ela gastou 45 minutos a mais para sair de Samambaia e chegar à Esplanada dos Ministérios ontem de manhã. "Cheguei atrasada como sempre acontece quando não pego o metrô", reclamou.

Para tentar amenizar o transtorno de quase 150 mil pessoas que utilizam o sistema todos os dias, a Secretaria de Transportes colocou 329 ônibus a mais em circulação nas ruas do DF — o que representa 30% da frota. Os veículos extras percorreram as localidades normalmente atendidas pelo metrô: Asa Sul, Samambaia, Ceilândia, Águas Claras e Guarará. Ana Lúcia não sentiu a melhora. "Fiquei 40 minutos na parada e o ônibus não passou", contou. "Mesmo sendo sardinha na lata, o metrô é a melhor opção." A bancária Leila Ribeiro Batista, 25, concorda: "Fiquei de mãos atadas. O ônibus demora para passar. E quando passa, está lotado". Leila demora uma hora a mais para chegar à 112 Sul quando pega ônibus.

Paulo de Araujo/CB/D.A. Press



Na Rodoviária do Plano Piloto, tanto de manhã quanto à noite, o movimento de passageiros foi intenso

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Catracas ficaram às moscas nas 23 estações do metrô: braços cruzados

Negociação

Nenhum trem circulou ontem, por medida de segurança. O Sindicato dos Metroviários (Sindmetrô-DF) e os diretores da empresa se reuniram à tarde com o desembargador Mário Caron, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região, para tentar chegar a um acordo. "O Metrô só aceitou discutir a redução da jornada de trabalho. De resto, as conversas estão bem paradas. As chances de a negociação só continuar amanhã (hoje) são bem altas", explicou Carlos Alberto Cassiano Silva, secretário de administração e finanças do Sindmetrô, à tarde. "Esta é uma greve política. As reivindicações da categoria são abusivas. É impossível negociar 77 itens, sendo que todos tratam de reajustes", criticou José Dimas Machado, diretor de operações do Metrô.

Entre as reivindicações dos metroviários está um aumento de 120% no salário referente a perdas de reajustes não pagos aos funcionários desde 1998, além do aumento no auxílio-alimentação, no plano de saúde, auxílio-creche e a redução na jornada de trabalho de 40h para 30h semanais. Os agentes de segurança, que hoje recebem um total de R\$ 2.190 — com bonificações —, teriam vencimentos de R\$ 6.806. Os controladores de trem passariam, com o percentual pedido, de R\$ 4.291 para R\$ 10.661.

No fim da noite de ontem, o governo ofereceu 5,1% de reajuste baseado no Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), além do aumento do auxílio-creche, de R\$ 121,80 para R\$ 133, e do ticket, de R\$ 20,45 para R\$ 23/dia. O plano de saúde teria um reembolso de R\$ 145. O GDF ofereceu ainda uma gratificação para a área

» QR code



Para assistir à videoreportagem sobre a greve, baixe em seu celular o leitor do QR code que você vê acima. Envie um torpedão com a palavra QR para o número 50035. Em instantes, você receberá um SMS com link para fazer o download do software leitor do código. Depois, com o software, aponte a câmera do seu celular para o código e acesse o conteúdo multimídia. O custo do SMS é de R\$ 0,31 + impostos. Só é preciso baixar o software uma vez. O Correo não cobra nada pelo serviço, mas, a cada vez que você o utilizar, estará navegando na internet, e a sua operadora cobra pelo tráfego de dados.

operacional. Segundo o secretário de Comunicação Social do governo, André Duda, essa é a proposta final e está de acordo com o limite estabelecido com a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Alheia às discussões trabalhistas, a população sofreu ontem tanto para ir quanto para voltar do trabalho. O movimento na Rodoviária do Plano Piloto à noite foi intenso. Filas sinuosas se formaram à frente das portas dos ônibus que seguem para cidades atendidas pelo metrô. O técnico em segurança Edivaldo José dos Ramos, 43 anos, não sabia da greve. "É por tempo indeterminado?", indagou.

Martírio

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Isabel e Maria da Guia não se conheciam. Mas, ontem, as duas compartilharam o mesmo drama: por volta das 7h30, chegaram à Estação Praça do Relógio, no centro de Taguatinga, e depararam-se com os portões fechados. Isabel tentava chegar a tempo no primeiro dia de aula, em Águas Claras. Moradora de Ceilândia, havia conseguido uma carona até Taguatinga para, então, seguir de metrô. "Não sei que ônibus devo pegar para chegar até o meu curso", disse. Maria da Guia, que ia para a Asa Sul, estava desanimada com o engarrafamento que estava prestes a enfrentar na Estrada Parque Taguatinga (EPTG). "Gosto do metrô justamente porque não pego trânsito", elogiou.

Isabel Silva, 24 anos, estudante
Maria da Guia Santos Costa, 38 anos, diarista

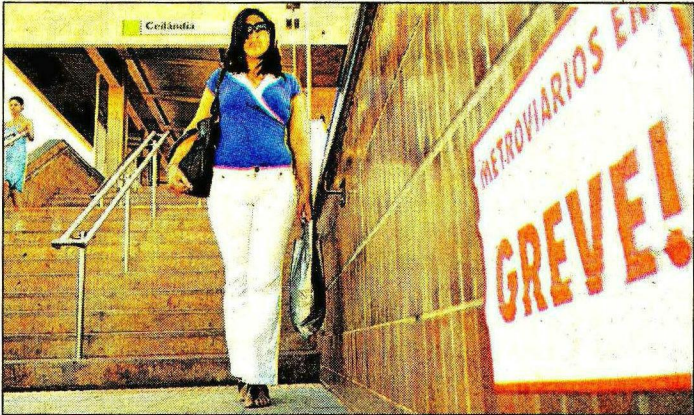
Rafael Ohana/CB/D.A. Press



Gildete utiliza o metrô diariamente para chegar ao trabalho, em Águas Claras. Moradora da Cidade Ocidental (GO), encontrou no transporte sobre trilhos uma maneira fácil e mais barata de se locomover. Em dias normais, Gildete pega um ônibus até a Estação Shopping, em frente ao ParkShopping. De lá, segue até a Estação Arniqueiras. Ontem, com a paralisação dos metroviários, foi obrigada a pegar dois ônibus para ir ao trabalho e dois para voltar para casa. Gastou mais tempo no trânsito, mas ela conseguiu se programar. "Minha patroa me avisou da greve de manhã cedo", contou.

Gildete da Silva, 40 anos, empregada doméstica

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Todos os dias, Rosemary resolve os compromissos em vários pontos do Distrito Federal graças ao veículo sobre trilhos. Ontem, ela demorou para acreditar que os portões da estação final de Ceilândia estavam trancados. "Eu não sabia que ia haver a paralisação. Passei o fim de semana aqui em Ceilândia e agora vou ter que me virar para chegar ao trabalho", reclamou. A alternativa, para ela, é o ônibus. "É bem mais complicado. Tenho que correr para não chegar atrasada, porque demora mais. Vou enfrentar um grande engarrafamento", contou. Segundo Rosemary, o metrô é mais seguro, rápido e prático. "Essa paralisação ainda vai atrapalhar muita gente", acredita ela, que trabalha na Asa Sul.

Rosemary Soares, 35 anos, diarista